

ECOS

RELEVO

A expressão singular da história, nos marcos da paisagem

Yes, nós temos vulcões

texto LIANA JOHN fotos CNPM/EMBRAPA



Meia laranja, arredondada pelo tempo – muito tempo com muita chuva – é a forma da maioria dos morros da região Sudeste do Brasil. Coisa de continente velho, localizado no meio de uma placa tectônica, sem grandes atividades sísmicas ou vulcânicas a temer. Mas aqui e ali há exceções. E uma delas é o Morro São João, no município de Casemiro de Abreu, no Rio de Janeiro.

Quem navega pelo rio, também chamado São João, ou passa na estrada ao lado, vê apenas uma montanha, ainda coberta de Mata Atlântica, posto que ali é uma Área

de Preservação Permanente (APP) de encostas íngremes, ainda não ocupada. Mas, reparando bem, a montanha escapa à forma arredondada predominante na região: é um cone com a ponta cortada, uma miniatura do imponente Monte Fuji, diriam os mais bairristas. Sem neves eternas, claro, pois são apenas 800 metros de altitude contra os 3.778 metros do vulcão japonês. E sem sinais de atividade, pois se trata de um vulcão extinto. Fumaças e altas temperaturas, naquela boca de cratera, só se puserem fogo na vegetação...

A percepção da existência mesmo da cratera, inclusive, escapa a quem circula pelos arredores, camuflada que está, sob a vegetação. É preciso ter um olho no espaço para realmente ver seu contorno bem desenhado. E não pode ser um olho nu. Nem mesmo bastam os

sensores de satélites ambientais, como os instalados no Landsat 7, da agência espacial americana (Nasa), que imitam as cores visíveis aos olhos humanos. Através deles só vemos um círculo de vegetação verde, preservada em meio às manchas (em rosa), características das áreas cultivadas e demais ocupações humanas (imagem maior). Um círculo assim poderia ser traçado simplesmente pelos limites de uma reserva ecológica, não denuncia necessariamente um vulcão.

Já o olhar com volume obtido através do Shuttle Radar Topographic Mission (SRTM) faz surgir a cratera escondida sob a vegetação. Esse mapeamento de radar, revelador de segredos topográficos, foi realizado pela Nasa numa missão a bordo do ônibus espacial Endeavour, e depois disponibilizado via Internet para quem tivesse tecnologia de processamento para captar os dados e transformar em imagens. No Brasil, a recuperação dos dados relativo a todo o território nacional foi realizada pela Embrapa Monitoramento por Satélite, no trabalho Brasil em Relevo, inteiramente disponível, de forma gratuita, via internet (www.relevobr.cnpm.embrapa.br).

Quando vemos a imagem em relevo (imagem menor) percebemos a verdadeira natureza daquela montanha, cuja atividade vulcânica se encerrou há cerca de 60 milhões de anos. Desde a extinção dos dinossauros, portanto, ele está 'quietinho'. Mas não deixa de ser um vulcão bem 'plantado' em terras brasileiras.